

## ELEIÇÕES 2018

ARTIGO

### Um novo regime

A cada mais ou menos 30 anos muda quem manda na República brasileira. E um imenso naco da elite política está deixando o poder

PEDRO DORIA



**E** se estivermos vivendo uma mudança de regime? A pergunta procede e, aqui e ali, alguns especialistas estão chegando a conclusões parecidas. Uma mudança de regime não ocorre apenas quando migramos de democracia a ditadura ou dela de volta. É quando o grupo dominante de uma era deixa o poder e quem manda, muda.

Na República brasileira, vivemos quatro destas rupturas. A primeira, claro, a partir da proclamação por Deodoro da Fonseca, em 1889. Daí, com o fim da Primeira República e ascensão de Getúlio Vargas, em 1930. Então 1945, com o restabelecimento da democracia; 1964 com a nova ditadura; e, por fim, em 1985, a Nova República. Há umas mais alongadas, outras mais curtas, mas em essência um intervalo médio de 30 anos.

A cada mais ou menos 30 anos muda quem manda na República brasileira. “Foi um 1964 sem tanques, com as urnas e o Judiciário cassando os políticos”, me escreveu estes dias, numa conversa pelas redes sociais, o cientista político Christian Edward Lynch, do IESP-UERJ. Pois 1985 foi há 33 anos. E um imenso naco da elite política brasileira está deixando o poder nesta virada de ano.

Christian é um dos que foram mais fundo na comparação entre a Lava-Jato e o

*Houve ruptura em 1889, em 1930, em 1945, em 1964 e em 1985. Via de regra, com figuras que remetem aos militares*

para a revista Insight Intelligência, batizou o movimento de juízes e procuradores de Revolução Judicialista.

Em seu blog, o analista político da FSB, Alon Feuerwerker, escreveu algo parecido. Após o golpe militar, uma larga oposição que ia dos udenistas liberais à esquerda do PTB e PSB, foi concentrada no MDB e os conservadores políticos ligados ao regime formaram a Arena.

Durante a Nova República, o MDB se dividiu em vários, mas seus membros de certa forma dominaram as últimas três décadas da política brasileira. Em 2019, isto mudou. “Na política, os agrupamentos que tranquilamente fariam parte de uma ‘Arena’ conquistaram de longe maiorias nas duas casas”, ele avalia. Uma “Arena do século 21”.

Há semelhanças com rupturas do passado. Se a história é um repetir de padrões, é novamente uma figura que remete aos militares que encabeça a transformação. Foi assim com Deodoro, Getúlio tinha apoio dos tenentes, o marechal Dutra foi o primei-

ro presidente eleito após o Estado Novo, e então veio 64. A Nova República que é exceção, até por ter sucedido a um regime de generais.

Há uma diferença fundamental. Se estamos mesmo começando um novo regime e o grupo que está no poder mudou, a ruptura foi de democracia para democracia. História também avança. E esta é uma diferença importante demais para ignorar.